

A PAISAGEM A PARTIR DE DOIS TEMPOS

Os cadernos de viagem à China de Barthes e Morin

*THE LANDSCAPE THROUGH TWO PERIODS
Barthes' and Morin's China travel notebooks*

Isabella Flach Gomes¹

Resumo

Este texto apresenta a visão da natureza e da paisagem da China a partir dos relatos pessoais de dois autores franceses, Roland Barthes e Edgar Morin. O primeiro viajou nos anos 1970 com a comitiva da *Tel Quel*, a convite da agência de turismo chinesa, uma experiência controlada e organizada. Morin, duas décadas depois e após as reformas políticas, sociais e econômicas, visitou a China como convidado da Associação Chinesa para Compreensão Internacional (CAFIU), produzindo outras reflexões acerca do país em questão. Pode-se traçar, portanto, um entendimento histórico constelar a partir da ótica do estrangeiro e perceber como os relatos de viagem podem alargar o campo da arquitetura.

Palavras-chave: caderno de viagem, China, Roland Barthes, Edgar Morin, natureza.

Abstract

This text presents a vision of nature and the landscape of China based on the personal accounts of two French authors, Roland Barthes and Edgar Morin. The first traveled in the 1970s with the Tel Quel entourage, by the invitation of the Chinese tourism agency, a controlled and organized experience. Morin, two decades later – after the political, social, and economic reforms – visited China as a guest of the Chinese Association for International Understanding (CAFIU), producing other reflections about that country. Therefore, a stellar historical understanding can be traced from the foreigner's perspective and we can perceive how travel reports can broaden the field of architecture. Keywords: travel notebook, China, Roland Barthes, Edgar Morin, nature.

¹ Doutoranda e mestre (2021) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais, possui graduação (2015) em Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição. Atualmente integra o grupo NAVE (Natureza, Violência e Ecocrítica – FALE-UFMG) e o Cosmópolis (EA-UFMG). Pesquisa os temas relacionados aos acontecimentos urbanos, filosofia do acontecimento, teoria urbana na China, filosofia chinesa, ecocrítica e ecocrítica chinesa.

A natureza e eles

Paisagens que não me pertencem, que me foram ditas de maneira tão casual, como quando um amigo me conta um caso: decepções, admirações, enjoos. Eu leio um caderno, um diário, coisas um tanto secretas por serem tão pessoais e entro na cabeça daqueles que anotam trivialidades e acontecimentos. Faço isso para saber, justamente, sobre a paisagem de um lugar que não conheço. E é no estado de visita ao estranho que o viajante “reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá” (CALVINO, 2006, p. 29). Recorro aos escritos de Roland Barthes e Edgar Morin, quando visitaram a China pela primeira vez, para traçar uma linha histórica do trato para com a natureza e a paisagem desde o olhar daquele que vem de fora.

A experiência de alteridade retratada nos cadernos passa pela construção de um olhar sobre o outro e sobre si mesmo, pois a identidade de uma pessoa é uma categoria relacional (SCHEMES, 2015). Os anseios, expectativas, decepções e percepções descritos nos cadernos de viagem dizem muito mais sobre aquele que escreve do que sobre a realidade parcialmente capturada por alguns momentos de contato. “Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos” (CALVINO, 2009, p.28). De acordo com Schemes (2015), há algo de biográfico nos relatos, mas podemos compreender que os cadernos de viagem são subgêneros híbridos, uma vez que podem ser classificados sob as abas de grandes campos, como a Literatura e a História. Também, os cadernos podem ser considerados descrições e análises espaciais que ajudam a expandir o campo arquitetônico.

Roland Barthes viajou nos anos 1970 para a Terra do Meio e Edgar Morin nos anos 1990, excursões separadas por 18 anos. Assim, é necessário ter em mente quais interesses estavam em jogo nos empreendimentos financeiros, políticos e culturais de viagens tão importantes quanto aquelas. E devemos refletir sobre o impacto de teóricos tão famosos como Barthes e Morin terem sido convidados para visitarem a China, os vínculos institucionais chineses e franceses, os veículos propagandistas repassados e as consequências das experiências, ambas transformadas em livros.

Como o estrangeiro olha para uma terra desconhecida? Primeiro, devemos esclarecer a diferença entre paisagem e natureza. O texto que segue abordará os dois conceitos, mas como escreve Anne Cauquelin (2007, p. 143) “a paisagem é justamente a apresentação culturalmente instituída dessa natureza que me envolve”. A paisagem está submetida às convenções da imagem e da palavra, ou seja, ela necessita de um estado de cultura. Existe um projeto de enquadramento que é construído e repassado por formas e cores que constituem um arsenal prévio cultural, por isso existem tantas referências às outras cidades já visitadas por Barthes e Morin quando ambos vão em busca do que imaginavam ser o desconhecido.

Anos 1970 – Barthes e a natureza como recurso para a sociedade

A viagem de Roland Barthes poderia ser resumida como uma experiência tediosa e dolorosa (pelas fortes dores de cabeça que o filósofo sentiu). Do dia 11 de abril a 04 de maio de 1974, Barthes conheceu a China junto de François Wahl e do grupo *Tel Quel*², composto por Philippe Sollers, Julia Kristeva e Marcelin Pleynet. Os cadernos de Roland

² *Tel Quel*, traduzido como “tal qual”, foi uma revista literária *avant-garde* publicada entre os anos de 1960 e 1982, na França.

Barthes documentam a frustração com o roteiro da viagem, arranjado pela *Luxingshe*, a agência de turismo responsável pela organização e controle dos estrangeiros. Os visitantes *telquelianos* passaram por fábricas, coletivos agrícolas, escolas, hospitais, museus e sítios arqueológicos nas cidades de Beijing, Shanghai, Nanjing, Luoyang e Xi'An, mas não conseguiram sair do circuito pré-definido, portanto eram escassos os incidentes e os acasos.

Roland Barthes, nascido na França em 1915, foi um crítico literário e ensaísta de grande renome por estudar a semiótica, os símbolos e signos e por ajudar a desenvolver e estabelecer o Estruturalismo. Dono de uma escrita aguda e esperta, Barthes talvez esperou encontrar uma China que revolucionasse a sua maneira de pensar, como aconteceu quando visitou o Japão, escrevendo em seguida *O império dos Signos* (1970). A viagem, pelo lado da agência chinesa, tinha como objetivo propagar os princípios maofistas³ e da Revolução Cultural, principalmente pela Europa. O cenário político chinês durante a visita era de perseguição ao pensamento de Confúcio (séc. V a.C.) e à figura do marechal Lin Piao⁴ (séc. XX) e “O encontro com o Estrangeiro, na China, era intermediado por um muro invisível de autoritarismo contra o qual não era possível se rebelar, sob pena de sanção” (BRANDINI, 2019, p.73). Nesse sentido, Barthes encontrou-se frustrado.

Os cadernos apresentam extensos dados técnicos, com números de trabalhadores, máquinas, quilômetros, instrumentos e produção, informações transmitidas para mostrar uma China que avançava, a despeito do fracasso do Grande Salto Adiante (1958-1960). Na interpretação de Brandini (2019), as anotações técnicas formavam o muro invisível que Barthes, como estrangeiro, não conseguia transpor para conseguir entender verdadeiramente a China. Para Barthes, existia um duplo vidro que embaçava a consciência sobre aquele lugar: a névoa da linguagem, “atenção: os blocos talvez estejam na tradução, pois muitas vezes discurso abundante de alguém, que provoca riso nos outros, mas se reduz a um bloco, a um significado, quando sai traduzido” (BARTHES, 2012, p. 201); e a névoa da agência – que seguia o caminho ideológico do partido.

Em uma visita a uma Comuna Popular em Nanjing, Barthes escutou a exposição de como era a vida antes e depois da Libertação.

Mudamos a fisionomia da natureza: afundamos 8 rios, construímos 200 li (1 li = 112 km) de canais, 70 estações de irrigação e drenagem; nas colinas 11 reservatórios (águas pluviais). Obras hidráulicas durante vários anos: 6 milhões de estéreos de terra. Mudamos a fisionomia natural; o rendimento estabilizou-se. Criamos Arrozais, campos cultiváveis. Boa colheita durante doze anos consecutivos (BARTHES, 2012, p. 107).

Com a proclamação da República Popular da China, em 1949, as cidades passaram a se transformar em localidades de produção sem o auxílio de investimentos estrangeiros, de modo que os saldos de capital eram tirados do setor da agricultura (FRIEDMANN, 2005). A produção do campo era essencial para o desenvolvimento econômico da China, por isso eram executadas grandes obras de infraestrutura, principalmente após a fome que assolou o país durante o Grande Salto Adiante (FRIEDMANN, 2005). A

³ A imagem de Mao Zedong aparecia constantemente nas paredes das fábricas e casas visitadas por Barthes. Eram comuns relatos de que o cotidiano antes da libertação (a Revolução de 1949) era ruim, tanto no quesito da natureza quanto da própria manutenção da vida e que, após a libertação, as massas engajadas e organizadas transformaram por completo o modo de viver das pessoas no campo.

⁴ Aliado de Mao Zedong, mas posteriormente considerado traidor pelo Partido Comunista Chinês.



natureza, mesmo que estivesse mais presente no campo (área valorizada inclusive por Mao Zedong), servia como um recurso para os chineses.

Após a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Civil Chinesa, a República Popular foi conivente com a devastação e erosão do solo ao incentivar a proliferação de fábricas de produção de aço, que poluíam e devastavam. De acordo com Liu e Diamond (2005) e Friedmann (2005), dos anos 1960, com a ruptura sino-soviética, à metade da década de 1970, a degradação da natureza expandiu quando as fábricas foram transferidas das áreas costeiras, que eram mais vulneráveis, para o interior do território, nas montanhas e em dispersão. Os principais focos de problemas ambientais da China eram o ar, a terra e a água poluídos e as ameaças à biodiversidade (LIU; DIAMOND, 2005).

De uma maneira menos técnica e mais subjetiva, a natureza e a paisagem chinesas, para Roland Barthes, apresentavam-se de forma dupla: às vezes, familiar e, às vezes, delicadamente maçante. São relatos e descrições de paisagens e cores que ajudam a formar pinturas mentais. Seguem alguns trechos:

No alto de um prédio de dezessete andares (Hotel de Xangai). Terraço. Vista panorâmica (muito bonita). Xangai inteira, como Chicago. Cidade de tons escuros – buzinas embaixo, ininterruptas (BARTHES, 2012, p. 43).

Muito bonito: os grandes barcos, atracados, imobilizados no meio do rio, às vezes dois a dois, por quilômetros. E sempre sampanas, veleiros de cores brechtianas. (...) A coisa se amplia até a linha contínua de um verdadeiro oceano: azul acinzentado, navios ao longe pousados na imensidão. Muito impressionista. Fazemos meia-volta (BARTHES, 2012, p. 56-57).

É possível reparar uma certa dificuldade de enxergar a natureza própria da China. Para Barthes, as paisagens, ou os enquadramentos culturais, do campo e da cidade sempre remetiam à Europa. Pelo recorte da natureza, os cadernos, são, portanto, um registro único da falha de Barthes em oferecer um retrato daquele lugar.



A paisagem é muito monótona. Tempo cinzento, chuvoso, triste. [Chegada a Nanquim] Tudo isso é muito francês (...) Racional, nada exótico, nada desfamiliarizante. Não estamos na Ásia, desde o início (BARTHES, 2012, p. 72-73).

Paisagem: muito francesa (Beauce), mas as cores são muito, muito pálidas. E sempre aquela incrível ausência de estranhamento (...) A paisagem não é *culturalizada* (a não ser a própria *cultura da terra*): nada que diga a história (BARTHES, 2012, p. 114 – grifo da autora).

A China aparece como um lugar “nem um pouco exótico, nem um pouco desorientador”, que “permanece obstinadamente opaco e desprovido de nuances” (ZHANG, 2012, s.p.). Um acontecimento bastante interessante remonta ao início da viagem, quando Barthes está no avião, a caminho da China. Destarte, o filósofo impõe uma distância entre ele e os chineses, comparando-os com “porquinhos” e “bichinhos redondos” confinados e aglomerados à parte na partida do aeroporto de Orly. A animalidade prescrita por Barthes apagou a subjetividade dos chineses e a procura por essa subjetividade escondida por trás dos trajes unissex, dos cortes de cabelo uniformes, da assexualidade, atormentou o autor por toda a viagem.

A uniformidade absoluta chocava Barthes, que se perguntava a toda hora onde eles colocavam a sexualidade e o desejo. O autor questionava o apagamento sexual e a falta de erotismo: “Mesmo com tudo isso, não terei visto o *kiki* de um único homem chinês. E o que você pode saber sobre um povo, se você não conhece seu sexo?” (ZHANG, 2012, s.p. - tradução minha). Rosana Pinheiro-Machado (2013, p.125-126) norteia os leitores quando disserta sobre a impossibilidade de uma vestimenta da época ser outra que o uniforme da Guarda Vermelha, “O macacão, a boina de Mao e a bolsa vermelha atravessada que portava as citações do presidente compunham o conjunto estético unissex vestido por toda a população chinesa”. A família, o amor romântico, e as relações sexuais à esteira das duas primeiras, eram considerados símbolos da ideologia ocidental, machista e burguesa. Ao contrário, a vida chinesa era

em grande parte assexuada e a família era uma forma de camaradagem (PINHEIRO-MACHADO, 2013).

A comparação de humanos com animais colocava Barthes como observador e os chineses como objetos observados (BRANDINI, 2019). Alguns dias depois da chegada, Barthes e a comitiva conheceram o zoológico de Nanjing e lá experienciaram o olhar observador dos chineses. “Visita ao zoo. Um pouco de sol (ainda naquele Tivoli com lagos). Como todos os zoológicos do mundo. Seguidos devagar por cinquenta pessoas. Panda. Duplo zoo: nós olhamos o panda, cinquenta pessoas nos olham” (BARTHES, 2012, p. 75-76). Em um primeiro contato com a alteridade, Barthes se viu em um lugar parecido com o do animal panda, como um ser que desperta a curiosidade e o interesse de outros, ainda que colocasse a natureza em desequilíbrio em relação ao ser humano.

Os desencontros e equívocos ajudaram Barthes a formar uma opinião única sobre a China. Zhang (2012) analisa a produção astutamente: embora a China não causasse um estranhamento, ela também não era suscetível ao modo de leitura do autor. “A incapacidade de Barthes de trabalhar sua alquimia literária habitual também pode ser colocada desta forma: ele não é o leitor certo para a China. Há algo ‘por trás da janela de vidro duplo da linguagem e da Agência’, mas ele não consegue ver o que é” (ZHANG, 2012, s.p.). Segundo Brandini (2019), para ele contaram somente as pessoas que ele não viu, locais onde ele não foi, as paisagens vistas pelos vidros dos trens e dos carros.

O vidro duplo se tornou espelho: “Sinto que não poderei esclarecê-los [os chineses] em nada – mas apenas nos esclarecer a partir deles. Portanto, o que se há de escrever não é E então, China?, mas E então, França?” (BARTHES, 2012, p. 09). Por trás daquelas paisagens, que natureza própria poderia ser revelada?

Anos 1990 – Natureza como caminho ao desenvolvimento

Quando Edgar Morin viajou para a China, em setembro de 1992, estava em luto pela perda do amigo Félix Guattari, mas também obstinado em conhecer aquela civilização milenar que passou a ser, para o autor, uma nação inserida na então atual era planetária. Estava tudo diferente. Com Deng Xiaoping no poder, as reformas, a modernização e as desigualdades faziam parte do cotidiano dos chineses. O Partido Comunista estava em todo o lugar, regulando o real e o imaginário. Curioso perceber que, contrariamente a Mao Zedong e ao relato de Barthes, Deng Xiaoping raramente aparecia como figura para Morin – a imagem passou do individual (Mao Zedong) para o coletivo (Partido Comunista Chinês – PCCh). Somente a sombra de Deng pairava sobre eles (MORIN, 2007). Havia uma pulsão cega pelo progresso e desenvolvimento a qualquer custo e acontecimentos como o da Praça Celestial da Paz não conseguiram deter o movimento de avanço.

Edgar Morin nasceu na França, em 1921, originário de uma família judia. Possui uma trajetória acadêmica multidisciplinar, sendo difícil definir em qual categoria poderia se enquadrar: sociologia, biologia, filosofia etc. A história secular do autor francês é marcada pela pelo pensamento complexo, em outras palavras, pela interligação das ideias em uma grande teia, reunindo conhecimentos diversos e se contrapondo à ciência cartesiana que separa, divide e cataloga. Mesmo antes de viajar e refletindo sobre a própria teoria, Morin admite um parentesco entre o princípio da dialógica (dupla lógica em uma) e o Daoísmo (*Dao*, ou traduzido Caminho), cuja principal obra é o *Dao de Jing*, de Lao Zi (séc. VI a.C.).



A convite da Associação Chinesa para a Compreensão Internacional (CAFIU)⁵, Morin visitou as cidades de Beijing, Xi'An, Shanghai e Guangzhou. A CAFIU, fundada em 1981, é uma organização situada em Beijing, registrada sob o domínio do Ministério de Assuntos Cíveis do Partido Comunista Chinês e responsável por intercâmbios acadêmicos. Pelo fato de a viagem ter ocorrido após a abertura chinesa, Morin contou com um pouco mais de liberdade se comparado a Barthes. Inclusive, esse aspecto pode ter sido calculado às custas da propaganda de uma nova faceta do governo chinês.

As dores nas costas acompanharam Morin a viagem toda, obrigando-o a voltar à França mais cedo. Durante a estadia na China, Morin teve de visitar médicos e hospitais e acabou optando por um tratamento tradicional com acupuntura. Além de terem trabalhado juntos na Revista *Arguments*, lançada em 1952, Morin e Barthes compartilharam momentos de dor intensa quando visitaram a China. Outros dois pontos de concordância entre os pensadores conterrâneos seriam a valorização da comida chinesa e a impressão de que o Japão era mais estrangeiro e estranho que a China.

Apesar das similaridades generalistas, as paisagens que Morin conheceu estavam muito diferentes das que Barthes viu. Edgar Morin começou o diário atestando que “a China é um imenso canteiro de obras. Crescimento anual de 10%, chegando até mesmo a 20% em algumas regiões. Vontade de cooperação” (MORIN, 2007, p. 21). Os anos 1990 ficaram marcados pelo início das grandes obras de infraestrutura urbana e de modificação das paisagens das cidades que, então, atingiriam níveis máximos nas décadas seguintes. O processo de devastação dos edifícios antigos existentes parecia um rolo compressor que acabava com a história e impulsionava compulsoriamente todos ao futuro. Para descrever tal situação, Otilia Arantes intitulou o primeiro capítulo do seu livro *Chai-na* (2011) como “ruínas do futuro”.

A inscrição do caractere 拆 *chai*, demolir, nos muros de construções que se transformariam em entulhos, foi cooptada por um grupo de artistas críticos às alterações. Por outra perspectiva, as obras do artista Zhang Dali, que grafitava a silhueta do rosto de uma pessoa e apagava o volume interno de outra, transmitiam a mensagem de que a destruição também era de ordem subjetiva. A posição dos artistas era contrária ao pensamento de Mao Zedong (e do governo chinês dos anos 1990), que imaginava que

⁵ Para mais informações, acessar o site oficial da organização: www.cafiu.org.cn/english/Column.asp?ColumnId=14

“com a palavra destruir em mente já se está construindo” (ARANTES, 2011, p. 10), pois as ruínas do projeto humano encontravam eco na devastação da materialidade dos edifícios. O registro do passado era atropelado pela nova urbanização, que avançava pelo campo e transformava o território das cidades. 拆 *chai* era acompanhado por outro verbo, 建 *jian* – demolir e construir.

No plano de fundo que percorre os anos 1990, 2000 e 2010, encontram-se torres de apartamentos e escritórios, elementos que caracterizam a empreitada atual da China sobre o espaço urbano: violência, volume de demolições, de construções, populações errantes, destruição criativa (WISNIK, 2018). Ou o que Otilia Arantes (2011) denomina como hiperurbanização, de compressão temporal e espacial: bolsões de infraestrutura desmembrados e dispersos. A China pós-Mao renasceu com a própria natureza sufocada pela névoa empoeirada.

Nesse momento, os olhos do mundo voltaram-se para a China e Edgar Morin. Como um pensador contemporâneo atento aos movimentos reflexivos do mundo, Morin não poderia deixar aquela nova nação de fora: que país era aquele que nascia num momento agudo de transformação, “ocupando não por acaso um lugar central no que restou de imaginação sociológica nesta virada do milênio”? (ARANTES, 2011, p. 59). Qual o sentido de futuro para a nação chinesa? Pois, enquanto isso, o ocidente vivia o abismo do *presentismo*⁶.

Uma semana após a chegada, Morin viajou para Guangzhou e lá conheceu a fábrica da Peugeot. O autor também escreveu alguns números e dados técnicos sobre a indústria, mas um diálogo entre Morin e o diretor Jiang parece ser a parte mais interessante dessa visita. Primeiro, a conversa se iniciou com uma série de mal entendidos, pois a tradução não foi feita pela intérprete oficial da viagem. Num determinado momento, o sr. Jiang se referiu aos bairros que seriam demolidos pelo plano de urbanização. “Digo-lhe que é necessário preservar as construções antigas e que, em todos os lugares da Europa, o arrependimento pela destruição de bairros antigos ocorreu tarde demais”, respondeu o filósofo. O diretor afirmou que as casas de estilo relevante seriam preservadas e Morin, numa perspectiva mais ampla, sugeriu que todas as casas fossem mantidas, pois havia a necessidade de se conservar o emaranhado temporal de memórias. Contudo, as considerações do autor não interessaram ao Sr. Jiang, aderido à ideia de progresso e desenvolvimento, mesmo admitindo os problemas de poluição. Morin se removeu posteriormente por não ter sido bem interpretado.

De fato, os dados da década de 1990 sobre o meio ambiente chinês não eram animadores. A qualidade do ar era baixa, três a cada quatro moradores das cidades viviam em lugares cujo padrão de ar estava abaixo do recomendado e a chuva ácida caiu em um quarto das áreas urbanas chinesas por mais de 60% dos dias chuvosos na década de 1990 (LIU; DIAMOND, 2005). Além disso, de 1949 até 1990, sedimentos gerais aterraram 56% dos canais navegáveis da China, restringindo o tamanho dos navios que por lá circulavam, ao mesmo tempo em que o processo de desertificação da região noroeste ficou mais intenso. Essa mesma região, que antes presenciava uma tempestade de areia a cada 31 anos, passou a receber uma tempestade por ano a partir da década de 1990 (LIU; DIAMOND, 2005). A natureza continuou a ser arruinada pelo favorecimento da economia.

As ideias de natureza e paisagem presentes no diário de Morin dizem do novo urbanismo das cidades chinesas e de uma familiaridade inesperada, “Nada ainda que me provoque especificamente uma sensação de desenraizamento” (MORIN, 2007,

⁶ A ideia de “presentismo” foi recuperada por François Hartog em *Regimes de Historicidade* (2014).

p. 21). Parte da natureza que estava usualmente ligada à tradição (desprezada nos tempos de Mao Zedong) e ao desenvolvimento do turismo, com os templos, construções imperiais, aparecia nos nomes que remetiam à figuração do verde: “jardim do intenso harmonioso”, “pavilhão para receber a primavera”.

Passeamos numa cidade muito animada que me lembra um aspecto mediterrâneo (...) Tudo isso colabora contribui para o meu não-desenraizamento (MORIN, 2007, p. 39).

Deixamos o hotel às 14h para visitar o Templo do Céu. Em avenidas rodeadas de árvores, muitas bicicletas deslizam numa ampla ciclovia (MORIN, 2007, p. 21).

A pulsão do progresso a qualquer custo relegava a natureza a um papel intermediário e, mesmo quando a paisagem era valorizada, ela servia a algum objetivo desenvolvimentista. A perspectiva de futuro mobilizava a nação como um todo. Mas quando terminadas as reformas, quais passos a China tomaria? Existia um suspense sobre o que ela propunha. Seria uma via original ou uma fórmula original? Em uma última visita à Praça Tiananmen, palco de tantos acontecimentos e lugar de afetação para Morin, ele encontrou mais enigmas do futuro: quais as próximas manifestações que ocorrerão ali? O vidro que embaçava as verdadeiras intenções ainda estava presente e, mais uma vez, o distanciamento aconteceu também pela língua.

Morin deixou a China com duas faltas: não conheceu a Muralha da China e não foi soltar a voz num karaokê. Ainda assim, o saldo foi de uma grande ternura pelo país, uma palavra que apareceu espontaneamente e, talvez, inconscientemente. Existiu uma tranquilidade frente ao não-visto, ao não-dito e ao não entendido.

A modo de conclusão

A noção de que a cultura chinesa é milenarmente consolidada na relação intrínseca com a natureza é bastante comum, seja na filosofia, literatura, arte ou no folclore. Para Ortells-Nicolau (2015) alguns trabalhos sobre a ecologia, por exemplo *Peach Blossom Spring*⁷, são citados como antecedentes culturais para as preocupações dos dias de hoje com o meio ambiente e celebraram uma relação com a natureza baseada na humildade, harmonia e unidade. Essas obras apresentam uma relação com a natureza que, muitas vezes, é oposta a uma atitude “ocidental”, caracterizada pelo antropocentrismo, utilitarismo e positivismo (ORTELLS-NICOLAU, 2015). No entanto, as tradições intelectuais, como Daoísmo e Confucionismo, que teriam definido o modo de interpretar o mundo, foram alteradas e reificadas tanto pela *mass media* quanto pela academia (ORTELLS-NICOLAU, 2015). De maneira crítica, há o lado perverso da pós-industrialização, que atinge o mundo todo e é propagado na China: as paisagens desoladoras mostram a natureza em contínuo arruinamento.

A névoa, elemento especial retratado pelas antigas ilustrações chinesas que dava conta do intervalo entre o vazio e o desenho, portanto, entre a transitoriedade das coisas, agora indica a incerteza, o desamparo para com o presente (WISNIK, 2018), o embaralhamento perceptivo e conceitual entre natureza e artifício. Aproximadamente 1600 anos após a escrita de *Peach Blossom Spring*, o artista Yang Yongliang apresenta

⁷ *Peach Blossom Spring* é um poema/prosa escrito por Tao Yuanming, em 421 d. C. que contava a história de um viajante que encontrou, seguindo a correnteza de um rio, um local utópico, onde as pessoas viviam em harmonia entre elas e com a natureza.

uma arte digital chamada *Peach Blossom Colony*⁸. Refletindo o rápido crescimento do materialismo e da cultura consumista na sociedade moderna, Yang revela que os bens materiais estão, gradualmente, preenchendo as mentes das pessoas, como florestas de concreto tomando conta da natureza. Escancara-se a ruína e o fracasso de uma racionalidade pura e atingível: nada é clarividente; na atualidade, estamos imersos no nevoeiro.

Durante as viagens de Roland Barthes e Edgar Morin, as discussões em torno do meio ambiente não tinham o papel de destaque. A natureza era considerada um meio para o desenvolvimento da população, seja no socialismo maoísta, ou no socialismo reformado. No socialismo do século XXI, por sua vez, as discussões passaram a dizer de uma China dicotômica: ainda que continuem a poluição, a ruína, a destruição e construção avassaladoras, alternativas governamentais e individuais têm surgido para mudar a realidade ambiental. Os planos traçados e as efetivas mudanças feitas pelo Governo Central e Xi Jinping colocam a China num lugar de destaque diante das potências mundiais, seja por um propósito propagandista ou por uma real vontade de transformação.

Em retrospectiva, o texto apresentado teve como objetivo traçar um percurso temporal de duas épocas, os anos 1970 e os anos 1990 sobre a natureza e a paisagem na China, vistas por dois franceses. O estrangeiro, quando viaja, passa a compreender melhor “as outras cidades que havia atravessado para chegar até lá, e reconstituía as etapas de suas viagens, e aprendia a conhecer o porto de onde havia zarpado” (CALVINO, 2009, p.28). E eu, como brasileira com intenções de estudar a China, penso que há validade em se pesquisar as impressões de outros estrangeiros, ainda que, algumas vezes, possam ser atravessadas pela xenofobia, pelo abismo da língua e pelas dores nos corpos.

A rigor, para traçar tais relações entre passados e presente, este trabalho convidou a pensar por “relatos de viagem”, um gênero literário sem lugar fixo, biográfico e histórico. Como biografia, o relato de viagem integra a produção cultural que compreende a vida na cidade e no campo. A biografia, que passou anos relegada como “gênero impuro”, despertou interesse de teóricos contemporâneos – uma retomada que se interroga sobre a ação humana imbuída de significado e elementos de memória (PEIXOTO, 2018). Ou seja, o aspecto biográfico nos suscita o pensamento total pelo individual. Enquanto história, os cadernos de viagem relatam a materialidade dos lugares e as formas de vida. “Quando se trata de escrever sobre a espessura histórica de uma cidade ou de uma proposição urbanística, a constelação é uma estratégia de pensamento de grande valia: permite pensar por extremos, desde os fragmentos” (VELLOSO, 2018, p. 102-103). Assim, em oposição complementar, a história convida a pensar o individual pelo total. Para concluir, o estudo de cadernos de viagem por arquitetos se mostra como uma ferramenta fértil para entender a construção da paisagem, a evidência histórico-urbana, a ação dos sujeitos, a percepção da cidade e do campo e a representação do espaço percebido e narrado em vários tempos. Individual e total se encontram para transmitir a ideia sobre arquitetura e natureza. Anos de 1974, de 1992 e de 2023 em constelação.

Roland Barthes, Edgar Morin e eu olhamos para a China em tempos e por janelas de perspectivas diferentes. O primeiro tinha a impressão de estagnação, o segundo já pressentia um futuro e eu vejo, na atualidade inescapável, um possível despontar da China, principalmente junto à valorização da natureza pela ecologia. As novas imagens

⁸ Ver arte de Yang Yongliang no link: www.yangyongliang.com/new-gallery-4/aswp7br822p1j0c8nuh5ubxfleqta

e figurações chinesas parecem dar conta das transformações do urbano natural, abrindo espaço para outras práticas possíveis.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ARANTES, Otília. *Chai-na*. São Paulo: EdUSP, 2011.

BARTHES, Roland. *Cadernos da viagem à China*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1992.

BRANDINI, Laura. Autoridade e alteridade na China de Roland Barthes. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 8, n. 4, p. 70-85, 2019. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1611/1042>. Acesso em 20 de julho de 2022.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRIEDMANN, John. *China's urban transition*. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2005.

LUI, Jianguo; DIAMOND, Jared. China's environment in a globalizing world. *Nature*, London, v. 435, n. 7046, p. 1179-1186, 2005.

MORIN, Edgar. *Diário da China*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

ORTELLS-NICOLAU, Xavier. Grey Pastoral: Critical Engagements with Idyllic Nature in Contemporary Photography from China. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322758453_Gray_Pastoral_Critical_Engagements_with_Idyllic_Nature_in_Contemporary_Photography_from_China. Acesso em 19 de julho de 2022.

PEIXOTO, Priscilla. Pensar por biografias. In: JACQUES, Paola; PEREIRA, Margareth (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. Cap. 4, p. 70-97.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *China, passado e presente: um guia para compreender a sociedade chinesa*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013.

SCHEMES, Elisa. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In.: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 28, Santa Catarina, 2015.

VELLOSO, Rita. Pensar por constelações. In: JACQUES, Paola; PEREIRA, Margareth (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. Cap. 5, p. 98-121.

WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro*. São Paulo: Ubu, 2018.

ZHANG, Dora. The Sideways Gaze: Roland Barthes' Travel in China. *LARB*, 2012. Disponível em <https://lareviewofbooks.org/article/the-sideways-gaze-roland-barthes-travels-in-china/>. Acesso em 20 de julho de 2022.